

Bresser admite pagamento simbólico de juros

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON

— O Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, admitiu ontem que o Brasil poderá de fato fazer um pagamento simbólico dos juros aos banqueiros nas próximas quatro semanas. Esse gesto, no entanto, estaria — segundo ele — na dependência do comportamento dos próprios banqueiros durante a reunião com a equipe econômica brasileira, na próxima sexta-feira, em Nova York.

— O importante é saber se os bancos farão algum avanço na negociação conosco. Caso eles mostrem que estão realmente decididos a negociar, e dêem algum sinal claro de boa-fé, então nós poderemos ter a nossa manifestação de boa vontade — disse o Ministro, ontem à tarde.

— Se não houver uma flexibilidade dos banqueiros, não faz nenhum sentido o Brasil fazer qualquer pagamento — comentou Bresser Pereira.

O valor desse pagamento ainda não foi definido. O volume ainda teria de ser negociado com os banqueiros, mas o Ministro também advertiu que essa definição dependeria muito do rumo que tomará a conversa. De qualquer forma, ele adiantou que seria uma quantia apenas simbólica, para demonstrar que o Governo brasileiro não é intransigente, como vêm afirmando alguns dos credores.

Ele ainda fez questão de frisar que tal iniciativa não significaria, de maneira alguma, o levantamento da moratória declarada pelo Brasil no fim de fevereiro.

— Esse pagamento simbólico, se for feito, será uma coisa muito pequena que não suspenda em hipótese alguma a moratória. Ela só será suspensa no dia em que nós tivermos um acordo geral com os bancos — disse Bresser Pereira.

Isso significa que a quantia a ser paga seria abatida do total dos juros devidos aos bancos comerciais (US\$ 4,3 bilhões — ou aproximadamente CZ\$ 215 bilhões — até o fim do ano). Mas, uma vez efetuado o pagamento simbólico, os desembolsos estariam novamente congelados.

A exigência dos banqueiros para que o Brasil pague algo, ainda que simbólico, tem um motivo técnico. No próximo dia 26 de outubro, uma comissão reguladora do sistema financeiro americano se reunirá para fazer um balanço, e ele fatalmente indicará que o Brasil deixou de pagar os juros há mais de seis meses. Pelas leis americanas, quando uma

moratória atinge esse prazo, essa comissão tem de rebaixar o país numa tabela de classificação dos tomadores de empréstimo.

Na prática, isso dificultaria a obtenção de novos empréstimos. E os banqueiros, ao mesmo tempo, teriam de declarar uma parte dos juros — de 10% a 15% — como prejuízo. Ainda que essa perda possa ser abatida no Imposto de Renda, ela teria um efeito negativo para os banqueiros. Um reflexo imediato seria a queda no valor das ações dos bancos credores do Brasil, nas Bolsas de Valores. Isso, a médio prazo, afugentaria os investidores, diminuindo assim o capital de giro dessas casas bancárias.

CONVERSA — O Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, conversou, ontem à tarde, pelo telefone, com o Presidente José Sarney,

informando-o sobre o andamento das negociações que vem sendo realizadas com os bancos credores da dívida externa do País e dos contatos mantidos na reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O Ministro recebeu do Presidente informações sobre o quadro político, conturbado pela possibilidade de alteração no Ministério.

A posição mantida por Bresser Pereira é a de destacar a importância da preservação da Aliança Democrática. A equipe do Governo encarregada das negociações da dívida externa considera que os entendimentos não têm sido afetados pelos fatos políticos registrados no Brasil.

O Ministro da Fazenda costuma dizer, quando perguntado sobre a possibilidade de sua posição também ser afetada no Ministério do Presidente Sarney que partiu do Brasil certo de contar com o apoio político dos partidos, dos empresários e do próprio Presidente da República.

SOVIÉTICO — A dívida externa dos países do Terceiro Mundo "é um verdadeiro tumor e deve receber tratamento político". Esta é a posição da União Soviética sobre o tema, expressa, ontem, pelo Chanceler Eduard Shevardnadze ao Presidente José Sarney, durante conversa de cerca de uma hora, onde o destaque ficou para os temas internacionais.

O Presidente Sarney agradeceu a solidariedade soviética e voltou a afirmar que a dívida impede o desenvolvimento de um continente como a América Latina, que apresenta sinais de retrocesso econômico.

Dados de economistas soviéticos mostram que as perdas da América Latina, somente com a crescente queda dos preços dos pro-

duto de base, chegam a US\$ 100 bilhões por ano, segundo Shevardnadze. Por isso, concluiu, de acordo com o relato de diplomatas que participaram do encontro, é preciso um esforço internacional para a construção de uma nova ordem econômica mais justa.

